

SERTÕES

Passagens e travessias transatlânticas
– em homenagem ao Professor
Paulo Bernardo Vaz

MOISÉS DE LEMOS MARTINS

Professor e pesquisador em Comunicação

O sonho académico

Foi em 2009 que nos conhecemos. Eu acabava de fazer a conferência de encerramento de um congresso. E o Paulo Bernardo acercou-se de mim. Vinha de Belo Horizonte, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Era professor de fotojornalismo, design gráfico, imagem, tipografia e publicidade nos média impressos. Queria estabelecer com a Universidade do Minho (UMinho), em Braga, Portugal, uma relação de cooperação académica em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais.

No ano seguinte, já o Paulo Bernardo estava na Universidade do Minho para um pós-doutoramento. Calcorreámos, juntos, o país, em conversas prodigiosas. Lembro-me, por exemplo, de termos ido juntos a congressos, à Universidade Nova de Lisboa e à Universidade da Beira Interior, na Covilhã – viagens longas, mas assombrosas, porque cheias de ensinamentos.

Por essa época, eu trabalhava sobre um conjunto de formas contemporâneas da cultura, associadas à imagem tecnológica e aos média –

formas de um imaginário melancólico. Fiz vários estudos neste sentido. Sobre *eXistenZ*, um filme do cineasta canadiano David Cronenberg, de 1999 (Martins, 2007). Sobre o videoclipe “Mercy Street”, de Peter Gabriel, realizado pelo diretor de vídeos de música Matt Mahurin, em 1986 (Martins, 2011a). Sobre três videoclipes da cantora islandesa Björk: *Hyperballad* (1996), realizado por Michel Gondry; *Hunter* (1998), realizado por Paul White; e *All lis full of love* (1999), realizado por Chris Cunningham (Martins, 2011b). Os três videoclipes falam de máquinas desejantes e de desejos maquinados, para utilizar uma antiga formulação de Deleuze e Guattari (1972), no *Anti-Oedipe*, quando se refere à hibridez do humano com o inumano.

Foi o encontro com Paulo Bernardo que permitiu, todavia, abrir uma linha de investigação sobre “o sofrimento e a morte nos média e na cultura”, no quadro de um projeto financiado pela CAPES/FCT (Martins, 2017). A equipa compreendia na UFMG os Professores Elton Antunes, Carlos Alberto Carvalho e Bruno Leal. E na UMinho, além de mim próprio, trabalharam no projeto as Professoras Rosa Cabecinhas, Sandra Marinho e Ana Melo. Por sua vez, fizeram um pós-doutoramento no quadro do projeto, Maria da Luz Correia e Lurdes Macedo. E realizaram estágios doutorais em Belo Horizonte as doutorandas Sofia Gomes e Belmira Coutinho.

Com Paulo Bernardo, Elton Antunes e Maria da Luz Correia, editámos dois livros, *O fluxo e a morte – Entre o estranho e o familiar* (CECS/UMinho, 2016); e *Sentidos da morte na vida da mídia* (Appris, 2017), que tiveram uma ampla participação de investigadores, tanto da UFMG, como da UMinho.

Pela minha parte, passei a trabalhar, no quadro deste projeto, sobre o imaginário melancólico da moda contemporânea, tendo como objeto de análise as coleções primavera/verão e outono/inverno, do estilista britânico, Alexander McQueen. Publiquei, então, vários estudos: “O corpo morto: mitos, ritos, superstições” (2013); “Mélancolies de la mode: le baroque, le grotesque, et le tragique” (2015); e “Declinações trágicas, barrocas e grotescas na moda contemporânea” (Martins, 2016).

Vi, entretanto, chegar a Braga, em 2011, pela mão de Paulo Bernardo, Angie Biondi, hoje professora na Universidade Tuiuti do Paraná. Angie

Biondi defendeu, em 2013, uma extraordinária tese de doutoramento, numa cooperação UFMG/Universidade do Minho, intitulada “Corpo sofredor: figuração e experiência no fotojornalismo”. Esta tese recebeu, em 2014, o Prémio CAPES de Teses, na área de Ciências Sociais Aplicadas I; o Prémio UFMG de Teses em Comunicação Social; e uma menção honrosa no Prémio Compós.

Entretanto, vários elementos da equipa de Paulo Bernardo vieram, eles próprios, fazer um pós-doutoramento à UMinho, assim como vários dos seus orientandos vieram realizar estágios doutorais. Foi o caso de Adriana Bravin (2015/2016), orientanda de Carlos Alberto Carvalho, e hoje professora da Universidade Federal de Ouro Preto, com uma tese sobre questões ambientais. E Cristian Góes (2016/2017), orientando de Elton Antunes, e hoje Jornalista e professor de Jornalismo na Universidade Federal de Sergipe. Cristian Góes defendeu em 2017 uma tese em Comunicação Social, sobre a herança colonial do Brasil, intitulada “O Jornalismo e a experiência do invisível: Identidades, lusofonias e a visível herança colonial brasileira”.

Naturalmente que o movimento de intercâmbio também se realizou, como já salientei, em sentido inverso, de Braga para Belo Horizonte. Eu próprio realizei vários estágios de investigação na UFMG, tendo sido aí responsável por vários seminários. Rosa Cabecinhas e Sandra Marinho participaram em Seminários na UFMG. Maria da Luz Correia, hoje Professora na Universidade dos Açores, e Lurdes Macedo, investigadora do CECS e Professora da Universidade Lusófona, no Porto, também fizeram estâncias de pós-doutoramento em Belo Horizonte. Por sua vez, Sofia Gomes, trabalhando sobre literacia da saúde, e Belmira Coutinho, sobre turismo negro, foram doutorandas da UMinho que estagiaram em Belo Horizonte.

A vida, que é passagem e travessia

O que eu aprendi com a passagem do Paulo Bernardo pela UMinho, assim como com a minha passagem por Belo Horizonte! E que travessia empreendemos ambos! Na passagem existem dois pontos, o de partida e o de chegada - Belo Horizonte e Braga, Braga e Belo Horizonte -, pelo

que o caminho está estabilizado e quase dá para esquecer a viagem. Já na travessia, dá-se o contrário: praticamente, tanto nos esquecemos do ponto de partida como do ponto de chegada, e centramo-nos na viagem, que é repleta de hesitações, surpresas, sustos, perigos, angústias e peripécias.

Quando nos conhecemos, o Paulo Bernardo ofereceu-me *Grande sertão – Veredas*, do grande escritor mineiro, João Guimarães Rosa, numa edição de 2001, da Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro. E pelo meio da trama dos amores de Riobaldo por Diadorim, teve a cortesia de sublinhar, a lápis, um conjunto alargado de passagens, cuja particularidade era a de associar a travessia a uma viagem particularmente rugosa, incerta, enfim, a uma viagem difícil. Retomo algumas das passagens sublinhadas pelo Paulo Bernardo.

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso... (p. 26).

Explico ao senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo (p. 26).

Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (p. 51).

Eu estava meio dúbite. Talvez, quem tivesse mais receio daquilo que ia acontecer fosse eu mesmo. Confesso. Eu cá não madruguei em ser corajoso; isto é: coragem em mim era variável. Ah! Naqueles tempos eu não sabia, hoje é que sei: que para a gente se transformar em ruim ou em valentão; ah basta se olhar um minutinho ao espelho – caprichando de fazer cara de valentia; ou cara de ruindade! (p. 62).

O senhor vá pondo seu perceber. A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num mim minuto, já está empurrado noutra galho.

Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (p. 80).

Relembro, com estas passagens de *Grande Sertão: Veredas*, o caminho que fizemos juntos, o Paulo Bernardo e eu, cada um com a sua equipa, um caminho feito de muitas passagens e de não menores travessias. E vem-me à ideia um trecho de Bernardo Soares, do *Livro do Desassossego*:

A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente. É uma viagem do espírito através da matéria, e como é o espírito que viaja, é nele que se vive. Há, por isso, almas contemplativas que têm vivido mais intensa, mais extensa, mais tumultuariamente do que outras que têm vivido externas. O resultado é tudo. O que se sentiu foi o que se viveu. Recolhe-se tão cansado de um sonho como de um trabalho visível. Nunca se viveu tanto como quando se pensou muito (Bernardo Soares, 1998, trecho 373, p. 338).

Todos nós andamos a ensaiar o humano, o que quer dizer, a ensaiar uma ideia de viagem. Mas, necessariamente, de uma viagem atribulada, cheia de perigos e obstáculos a transpor. Andamos a ensaiar a viagem como errância, enigma e labirinto, e também como rugosidade, viscosidade e incerteza. Todos andamos a ensaiar a viagem como dúvida, embora, da mesma maneira, como memória de caminhos já andados e de experiências já vividas.

E tem sido assim na travessia que o Paulo Bernardo e eu próprio há uma década andamos a empreender. Ao capítulo que escreveu para *Lusofonia e Interculturalidade – Promessa e Travessia*, um livro que editei em 2015, Paulo Bernardo deu-lhe um título bem sugestivo: “Uma travessia pelo sertão lusófono”. Com efeito, ao projetarmos o sonho de uma comunidade académica de língua portuguesa, temos andado a declinar a vida, nas suas vibrações e intensidades, ressonâncias e modulações, ritmos e cadências, relações e interações, tensões, durações, memórias e desafios.

A vida de toda a gente, mesmo num sonho académico, desenvolve-se na tensão entre equilíbrio e desequilíbrio, entre harmonia e desarmonia. E foi exatamente isso que também me aconteceu a mim e ao

Paulo Bernardo. Para toda a gente, a vida faz corrente e as correntes vivem da duração. Vivências e experiências são fases da corrente que é a duração de uma vida, em que umas vezes somos regato, ou ribeiro, mas também rio e mar, em que tanto podemos ser levada abundante, como fluxo brando, mero fio de água, extenuado. De certos fluxos da nossa vida podemos dizer que rebentam em fartos borbotões, que misturam águas e são tormenta, quando noutros casos os fluxos abrandam, para logo ganharem força, ou para se diluírem, e mesmo se extinguirem.

O encontro entre a UFMG e a UMinho, através do Paulo Bernardo, teve estas modulações todas. Primeiro, foi o entusiasmo à volta do sofrimento e da morte, “um imaginário melancólico, nos média e na cultura contemporâneos” (Martins, 2017). Mas, a páginas tantas, foi para um sonho maior, que lançámos o olhar – o Museu Virtual da Lusofonia (www.museuvirtualdalusofonia.com). As muitas passeatas que ambos fizemos pelo Parque da Pampulha, em Belo Horizonte, ou em Inhotim, no museu a céu aberto, que é um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil, ou ainda, pelas ruas da bimilenar cidade de Braga, acabaram por constituir um preâmbulo ao projeto transcultural e transnacional que é Museu Virtual da Lusofonia, uma travessia em que ambos nos embrenhámos e que, hoje, também passa pela equipa da UFMG. A investigadora Lurdes Macedo, do CECS/UMinho, juntamente com Fernando Lopes, de Belo Horizonte, a concluir um doutoramento na UMinho, em Estudos Culturais, têm neste momento em mãos a realização de uma reportagem videográfica sobre as cidades coloniais de Ouro Preto, Mariana, Congonhas, São João del-Rei... precisamente no quadro do Museu Virtual da Lusofonia.

O Museu Virtual da Lusofonia como travessia transcultural e transnacional no espaço de língua portuguesa

Por vezes, a vida jorra às golfadas, em movimento e volume caudaloso. Mas não podemos dizer que tenhamos sempre a cadência certa. Muitas vezes somos hesitantes, confusos, e mesmo tumultuosos. Quer vivamos em ritmo enérgico ou compassado, em ritmo impulsivo ou regular, a nossa vida é sempre marcada pela descontinuidade. E se, porventura, alguma vez é possível falar da continuidade de uma vida,

o que não podemos garantir-lhe nunca é a estabilidade. Sempre que conseguimos algum equilíbrio, logo espreita a ameaça de nova instabilidade. De facto, não existe o *continuum* de uma vida.

O que sabemos de certo é que ensaiar o humano é viver no infinito, naquilo que está a fazer-se, e não no definitivo. É viver no provisório e no fragmentário, e não no que nos é dado como uma identidade estável, acabada. Muito embora ensaiar o humano também seja figurar a promessa, que todo o humano é – a promessa de quem quer ver-se livre da contingência e ensaia uma transgressão, uma transfiguração.

Nunca ninguém pode estar certo do caminho que ensaia. O que não estamos dispensados de fazer é de ensaiar sempre uma viagem. E o Paulo Bernardo tem feito com a UMinho e comigo uma viagem magnífica, uma viagem grandiosa e luminosa, procurando ensaiar sempre um caminho novo.

O Paulo Bernardo tem colocado paixão no sonho em que consiste o Museu Virtual da Lusofonia. Inscrevendo-se na tradição dos estudos pós-coloniais, este Museu, que se prepara para migrar para a plataforma do *Google Arts and Culture*, reúne, num esforço comum, por todo o espaço de língua portuguesa, centros de investigação e universidades, com projetos de investigação e de ensino pós-graduado, na área das Ciências Sociais e Humanas, tendo em vista fazer do Português, na diversidade das suas variantes, o ponto de partida para a construção, a várias vozes, de uma comunidade transnacional e transcultural lusófona. Abrindo-se, por outro lado, à cooperação com entidades públicas, associações culturais e artísticas, e empresas ligadas à comunicação social, a atividades editoriais, e à produção de conteúdos digitais e de *software*, o Museu Virtual da Lusofonia propõe-se fazer uma “circum-navegação tecnológica”, por todo o espaço de língua portuguesa (Martins, 2018a, 2018b), com as tecnologias da comunicação e da informação, que compreendem as redes sociotécnicas, a conectarem-se na produção de uma comunidade que tem na informação e no conhecimento a sua força geradora (Martins, 2012).

Com efeito, as redes disseminam informação e conhecimento: um site, um portal, um blogue, o Facebook, o Twitter têm essa dupla função, instrumental e cognitiva. Servindo as instituições, os negócios, as empresas e todo o tipo de organizações, as redes servem, sem dúvida, o

desenvolvimento humano. Assim como servem também o desenvolvimento cívico, que é parte do desenvolvimento humano. Ao favorecerem a troca e o debate de ideias, e também o ativismo na rede, em favor de causas sociais, políticas e culturais, as redes sociotécnicas constroem e aprofundam o sentido de cidadania de uma comunidade - o seu sentido crítico e democrático (Martins, 2015b).

Em contrapartida, se tem sentido afirmar que, através desta circulação tecnológica, crescem as possibilidades de desenvolvimento humano, também tem sentido associar o atual funcionamento dos média à ideia de crise da cultura e de crise do humano, através do desenvolvimento do espaço do controle, da violência e da dominação. Marinetti exaltou no *Le Manifeste du Futurisme*, em 1909, a velocidade da época. Mas a Ernst Jünger (1930) não passou despercebida a sua “mobilização total”, assim como a Peter Sloterdijk (2000) o caráter “infinito” desta mobilização, para o mercado, a competição, a estatística e o ranking.

Entretanto, Norbert Wiener far-nos-á saber, em *Cybernetics ou Control and Communication in the Animal and the Machine*, obra escrita em 1948, que os sistemas de informação controlam a comunicação nos animais e nas máquinas. E George Orwell (1949/2012) explica-nos em *Nineteen Eighty-Four* o que é o totalitarismo (o “big brother”).

Há uma década, o Paulo Bernardo decidiu fazer uma travessia transatlântica pelo “sertão lusófono”, que o levaria, anos mais tarde, a acolher o Museu Virtual da Lusofonia como travessia tecnológica, ao serviço de uma ideia de comunidade geoestratégica, transcultural e transcontinental - a comunidade lusófona. Nesta travessia temos partilhado um sonho para o interconhecimento dos povos do espaço de língua portuguesa e para o seu intercâmbio, científico, cultural e artístico. Temo-lo feito como quem declina a vida, nas suas vibrações, ressonâncias, ritmos, relações, tensões, memórias e desafios.

O Paulo Bernardo não se enganou nunca no fundamental. Declinando a vida como um poeta, com proporção, equilíbrio e justiça, o seu trabalho científico, um trabalho artesanal, sempre nos reconduziu à palavra essencial, levando-nos a percorrer os lugares do invisível do visível, nesse lugar de resistência onde se estabelece o sentido de comunidade.

| Bibliografia referida

ABRIL, Gonzalo. *Análisis crítico de textos visuales*. Madrid: Editorial Síntesis, 2007

AGAMBEN, Giorgio. Aby Warburg e a Ciência sem Nome. Dossiê Warburg, *Revista Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro; n. 19, Janeiro de 2010. p 132-143.

AGAMBEN, Giorgio. *Ninfas*. São Paulo: Hedra, 2012.

ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. “Qui est qui dans cette histoire? L’Autre intérieur dans l’iconographie des manuels scolaires d’histoire du Brésil”. *Horizons universitaires*, Université Mohammed V-Souissi. vol. 3, nº 4, outubro 2007. p. 327-340.

ANTUNES, E. ; TAVARES, R. ; KURRLE, G. P. *Jornalistas políticos: os parlamentares da notícia*. Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Comunicação, 1988. (Relatório de pesquisa).

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Mídia: um aro, um halo e um elo. GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (Orgs). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 43-60.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal*. Paris: Presse Pocket, 2007.

BELTING, Hans. *Antropologia da Imagem: Por uma ciência da imagem*. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas v. 2).

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. *Rua de mão única*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas II). p. 227–235.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. 1).

BIONDI, Angie. *Corpo sofredor: figuração e experiência no fotojornalismo*. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2016.

BORGES, Jorge Luis. *Borges, oral & Sete noites*. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRAVIN, Adriana. *Gandarela, a serra e o movimento: Ação coletiva e ação comunicativa na antecipação aos danos da mineração*. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de Fazer*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria. Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012

CORRÊA, Laura G. *De corpo presente: o negro na publicidade em revista*. 2007. Belo Horizonte, MG. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.

CORRÊA, Laura G. Intervenções sobre as superfícies urbanas: dissenso, consenso e ambivalências em Londres. *Galáxia* (São Paulo, online), n. 41, mai-ago., 2019. p. 114-127.

CORRÊA, Laura G. Mães Cuidam, pais brincam: metodologia, bastidores e resultados de uma pesquisa sobre publicidade e gênero. Niterói: *Contracampo*, v. 28, n. 3. 2013. p. 136-154.

CORRÊA, Laura G.; VAZ, Paulo. B. F. “La figure du Noir dans la publicité brésilienne: un jeu de cartes marquées”. Sílvia Capanema P. de Almeida; Anaís Fléchet (Orgs.). *De la démocratie raciale au multiculturalisme - Brésil, Amériques, Europe*. 1ª ed. Bruxelles: PIE - Peter Lang Bruxelles, 2009, v. 1, p. 171-188.

CORRÊA, Laura G.; SALGADO, Tiago B. P. ‘Você suja minha cidade, eu sujo sua cara’: práticas de escrita urbana sobre a propaganda eleitoral. *Comunicação, Mídia e Consumo* (Online), v. 13, 2016. p. 131-149.

DEBORD, Guy. Théorie de la dérive. *Les Lèvres nues*, n° 9, 1956 e Internationale Situationniste n° 2, 1958. Disponível em: <<http://www.larevuedesressources.org/theorie-de-la-derive,038.html>>. Acesso em: 24 abr 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *L'Anti-Oedipe*. Paris: Éditions de Minuit, 1972.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas, ou, O gaio saber inquieto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 2013.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FLUSSER, Vilem. *Mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994. p.111.

GÓES, José Cristian. *O Jornalismo e a experiência do invisível: Identidades, lusofonias e a visível herança colonial brasileira*. Belo Horizonte: PPGCOM – UFMG, 2017.

GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Márcio Souza; VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Comunicação e tempo: reflexões em favor das diferenças. *Galáxia* (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, Especial 1 - Comunicação e Historicidades, 2019, p. 113-125. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/41739/29552>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage; Thousand Oaks: Open University, 1997.

HARA, Kenya. *White*. Zürich: Lars Müller Publishers, 2010.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes Limitada, 2015.

JÜNGER, E. *La mobilisation totale. L'État universel - suivi de La mobilisation totale*. Paris: Gallimard, 1990.

LAINEZ, Manuel. *Bomarzo*. Lisboa: Sextante, 2010.

LEAL, B.S., MENDONÇA, C.M.C., GUIMARÃES, C. (Orgs.). *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MÃE, Valter Hugo. *O paraíso são os outros*. São Paulo: Cosac Naif, 2014

MARINETTI, F. T. Manifesti Futuristi. DE MARIA, Luciano. (Org.). *Tommaso Marinetti e il Futurismo*. Milão: Mondadori, 1973. Disponível em: <http://www.classicalitaliani.it/futurismo/manifesti/marinetti_fondazione.htm>. Acesso em: 3 jul. 2020.

MARTINS, M. L.; Correia, M. L.; Vaz, P. B.; Antunes, E.. *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: CECS, 2016. p. 187-205. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/43355>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MARTINS, M. L.; Correia, M. L.; Vaz, P. B.; Antunes, E. (Orgs.). *Sentidos da morte na vida da mídia*. Curitiba: Appris, 2017.

MARTINS, Moisés de Lemos. La nouvelle érotique interactive. *Sociétés*, Paris, v. 96, n. 2, 2007. p. 21-27. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/23767>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Média e melancolia: o trágico, o grotesco e o barroco. ACCIAIUOLI, Margarida; BABO, Maria Augusta. *Arte e Melancolia*. Lisboa: Instituto de História da Arte / Estudos de Arte Contemporânea e Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, 2011a. p. 53-65. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/24106>>. Acesso em: 4 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Tecnologia, corpo e imaginário. MARTINS, Moisés de Lemos. *Crise no castelo da cultura. Das estrelas para os ecrãs*. Famalicão: Húmus, 2011b, p. 179-186. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/29167>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Média digitais: hibridez, interactividade, multimodalidade. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, 43/44, 2012. p. 49-60. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/25606>>. Acesso em: 27 out. 2019.

MARTINS, Moisés de Lemos. O corpo morto: mitos, ritos, superstições. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, Braga 1 (1-2), 2013. p. 109-134. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/29225>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Mélancolies de la mode. Le baroque, le grotesque et le tragique. *Les Cahiers Européens de L'Imaginaire*, v. 7, 2015a. p. 114-119. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/35333>>. Acesso em: 2 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Média digitais e lusofonia. MARTINS, Moisés de Lemos. (Org.). *Lusofonia e Multiculturalismo. Promessa e Travessia*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2015b. p. 27-56. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/39698>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Declinações trágicas, barrocas e grotescas na moda contemporânea. MARTINS, M. L.; CORREIA, M. L.; VAZ, P. B.; ANTUNES, E. (Orgs.). *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Braga: CECS, 2016. p. 187-205. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/43358>>. Acesso em: 3 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. “O Fluxo e a morte: desafios teórico-metodológicos em torno do ‘acontecimento mediático’”. *Relatório técnico/financeiro final* [do projeto]. 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/45044>>. Acesso em: 3 jul 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. Os países lusófonos e o desafio de uma circum-navegação tecnológica. *Comunicação e Sociedade*, 34, 2018a. p. 87-101. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/57437>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MARTINS, Moisés de Lemos. A lusofonia no contexto das identidades transnacionais e transcontinentais. *Letrônica – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUCRS*, 11(1), 2018b. p. 3-11. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/55280>>. Acesso em: 2 jul 2020

MENDONÇA, R. F.; VAZ, P. B. F. Só preto sem preconceito?. *Texto (UFRGS. Online)*, v. 1, n. 14, 2006. p. 1-15.

MOLDER, M. F. (2010). Método é desvio – uma experiência limiar. OTTE, G.; SEDLMAYER, S.; CORNELSEN, E. (Orgs.) *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 27-75

MOUILLAUD, Maurice. *O Jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA: www.museuvirtualdalusofonia.com

ORWELL, George. 1984. Tradução de Ana Luísa Faria. Lisboa: Antígona, 2012.

PASTOUREAU, Michel. *Preto: história de uma cor*. São Paulo: Editora Senac São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2011.

RAMPLEY, Matthewa. Iconology of the Interval: Aby Warburg's Legacy. *Word & Image*, 17 (4), 2001. p. 303-324.

RANCIÈRE, J. *Dissensus: on politics and aesthetics*. London: Bloomsbury Academic, 2015.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SÁ-CARNEIRO, Mário. *Poesia Completa de Mário Sá-Carneiro*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2018.

SLOTTERDIJK, P. *La mobilisation infinie*. Paris: Christian Bourgois, 2000.

SOARES, Bernardo. *Livro do Desassossego*. Lisboa: Assírio & Alvim. Edição de Richard Zenith, 1998.

SPINOZA, Baruch de. *Ética*. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2007.

STALLYBRASS, P. *O casaco de Marx*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2007.

VAZ, P. B. F. ; ALMEIDA, S. C. P ; MENDONÇA, R. F. Quem é quem nessa História? Iconografia do livro didático. Vera Regina Veiga França. (Org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 47-85.

VAZ, P. B. F. “Livro, eterno livro?” *Geraes Revista de Comunicação Social*, Belo Horizonte, n.49, 1998. p. 50-54.

VAZ, Paulo B. F.. MENDONÇA, Ricardo F. ALMEIDA, Sílvia C. P. Quem é quem nessa história? Iconografia do livro didático. FRANÇA, Vera R. V. (org.). *Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VAZ, Paulo Bernardo. Uma travessia pelo sertão lusófono. MARTINS, Moisés de Lemos. (Org.) *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e Travessia*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2015. p. 471-484. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/39693>>. Acesso a 1 jul 2020.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira. Cristo revisitado: experiência estética e fotojornalismo. LEAL, Bruno; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (Orgs.). *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 189-201.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; MINTZ, André Goes. Piauí, em busca do leitor perdido. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2014. p. p. 277–290. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n1p277>>.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; VALLE, Flávio. Vida e morte nos retratos dos ocupantes do edifício 911. MARTINS, Moisés de Lemos. et al (Orgs.). *Sentidos da morte: na vida da mídia*. Curitiba: Appris Editora, 2017. p. 213-228.

VAZ, Paulo Bernardo. Imagem ao pé da letra. VAZ, Paulo Bernardo; CASA NOVA, Vera. (Orgs.). *Estação imagem: desafios*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 171–179.

VILAÇA, Gracila. *Publicidade e feminismos: tramas da campanha “Reposter, redondo é sair do seu passado” da Skol*. 2020. 145 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

WARBURG, A. Mnemosyne. Arte & Ensaios. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - EBA, UFRJ*. 19, 2009. P. 125–31.

WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Madrid: Akal, 2010.

WIENER, N. *Cybernetics: Or control and communication in the animal and the machine*. Paris, Hermann & Cie & Camb. Mass., MIT Press, 1948.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P331 Paulo B [recurso eletrônico] : um perfil em mosaico, um glosário em aberto / Organizadores Ângela Marques, Bruno Souza Leal, Elton Antunes. – Belo Horizonte, MG: PPGCOM, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-08-3

1. Vaz, Paulo Bernardo Ferreira - Biografia. 2. Comunicação - Pesquisadores - Biografia. I. Marques, Ângela. II. Leal, Bruno Souza. III. Antunes, Elton.

CDD 920

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO

Gracila Ferreira Vilaça

IMAGEM DE CAPA

Artista: Daisy Turrer
Fotógrafo: Icaro Moreno

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>